

I Queermica: Quem se interessa por uma Química inclusiva para pessoas LGBTI+?

Hygor Batista Guse (PG)¹ e Italo Curvelo dos Anjos (PQ)^{2*}. italo.anjos@ufmt.br

¹ Programa de Pós Graduação em Ensino de Matemática - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Departamento de Química – Universidade Federal de Mato Grosso

Palavras-Chave: Ensino de Química, Pessoas LGBTI+, Curso de Extensão.

Resumo: Pesquisas no campo das Ciências têm apontado a ausência de debates sobre questões de gênero e sexualidade no Ensino da Química, o que promove uma manutenção da invisibilização de corpos dissidentes de espaços no qual a Química se faz presente. Diante disso, faz-se necessário articular o ensino das Ciências e da Química em particular com discussões envolvendo pessoas LGBTI+, principalmente em espaços de formação. Dessa forma, esta produção analisa dados que foram produzidos no momento da inscrição em um Curso de Extensão intitulado “I Queermica: promovendo a inclusão LGBTQ+ na Química” oferecido em 2020 para estudantes e profissionais na área de Ciências Exatas e Naturais. Identificamos que o perfil de pessoas que se inscreveram no curso é, geralmente, de pessoas pertencentes a grupos socialmente marginalizados. Além disso, verificamos que essas pessoas buscavam no curso tanto um espaço de aprendizagem quanto um local de acolhimento e (re)conhecimento.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitas organizações nas áreas de Química e das Ciências Exatas reconheceram a importância da diversidade como forma de melhorar o recrutamento e retenção de talentos, de melhorar a propaganda de produtos e serviços, além de ampliar a perspectiva para novas ideias. (NELSON; CHENG, 2017) Empresas que adotam medidas de promoção da diversidade são mais propícias a terem maior retorno financeiro, além de proverem um ambiente mais acolhedor a seus funcionários e terem mais chance de mantê-los em seu quadro por mais tempo. (ROHDEN, 2023) No ambiente acadêmico, a diversidade no corpo docente impacta toda a “cadeia acadêmica”, na qual estudantes encontram modelos representativos dos mais diversos grupos da população; além disso, a diversidade entre estudantes permite que eles estudem e trabalhem com colegas de origens diversas enriquecendo seu repertório e experiência educacional. (GURIN et al., 2004)

Diante de uma pesquisa bibliográfica inspirada em um Estado da Arte realizada por Nogueira et al. (2021), percebe-se a ausência de produções no Ensino da Química que se articulem às questões sobre gênero e sexualidade. Em particular, as autoras e o autor apontam que muitas das pesquisas existentes destacam a temática da invisibilidade/ausência das mulheres nas Ciências, afastando-se de debates que considerem sexualidades dissidentes e outras identidades de gênero.

De fato, historicamente as mulheres têm tido menos espaço nas áreas de Ciências e Tecnologia, uma realidade presente não apenas no Brasil, mas em vários países do mundo. (SOARES, 2001) Para Pereira (2011), isso se dá pois a incompatibilidade das mulheres com a Ciência se resume à quatro pressupostos: “1) argumentos naturalistas/biológicos; 2) condição de neutralidade da ciência; 3) dimensão universal atribuída ao conhecimento científico e 4) associação histórica entre o masculino e a objetividade.” (p. 40) Nesse aspecto, fazer ciência se torna uma ação

direcionada ao ser masculino que performe uma masculinidade hegemônica, ou seja, uma masculinidade que se alinhe às expectativas sociais sobre o corpo masculino.

Ao direcionarmos nosso olhar para dados numéricos, percebemos que a porcentagem de bolsistas mulheres de Iniciação Científica era de 56 % em 2018, enquanto o número de pós-graduandas (em nível de mestrado e doutorado) era de 52 % em 2017 com variações nas diferentes regiões do país. (NAIDEK et al., 2020) Apesar dos níveis ligeiramente acima de 50 %, a participação feminina cai nos níveis mais avançados da carreira científica. A porcentagem de mulheres docentes em cursos de graduação é de 42 % e a participação feminina como docentes credenciadas em programas de pós-graduação em química apenas 36 %. Por fim, ao se analisar a proporção de mulheres que possuem bolsa de produtividade na área de química temos: nível 2: 34%, nível 1D: 28%, nível 1C: 31%, nível 1B: 21% e nível 1A: 12% (dados de 2018). (NAIDEK et al., 2020)

Diante do exposto, fica claro que a ascensão das mulheres aos níveis mais altos da carreira científica ainda é limitada na área da química. Ademais, apesar de termos dados alarmantes sobre a disparidade da participação feminina na química - principalmente em níveis mais avançados -, o debate sobre essas questões ainda são incipientes no campo, principalmente se buscarmos sua ampliação visando abarcar discussões que escapem do binário feminino/masculino e que tensionam também outros marcadores sociais como a sexualidade.

Em poucos trabalhos no Ensino da Química que se direcionam para esse debate define-se ou discute-se os conceitos de gênero ou sexualidade. (NOGUEIRA et al., 2021) Além disso, em várias pesquisas investigou-se as concepções e abordagens de licenciandos e professores da educação básica acerca da temática e a maioria não dispunha de um repertório adequado para lidar com o tema: seja por fazer confusões entre sexo e gênero, considerar que o tema não devesse ser abordado no contexto das Ciências Naturais ou ainda que fosse um tópico específico para as Ciências Biológicas. Por fim, percebe-se que só um pequeno número de trabalhos abordou conceitos químicos relacionando-lhes com a temática de gênero e sexualidade; (KUEHLEWEIN et al., 2023) dessa forma, constata-se uma dificuldade em conectar o currículo da química com discussões mais amplas sobre gênero e sexualidade.

É válido acrescentar que para além das pesquisas, para que o debate seja expandido, espaços de formação precisam incorporar em seu currículo uma articulação entre conteúdos científicos e questões sociopolíticas. Os profissionais da Química, caso não tenham uma formação sob uma perspectiva crítica, podem (re)produzir discursos hegemônicos que reforcem as discriminações de gênero e sexuais que ecoam em espaços nos quais a Química se faz presente.

Como forma de ampliar a discussão sobre gênero e sexualidade na química e áreas correlatas, no ano de 2020 foi proposto um projeto de extensão denominado “I Queermica: promovendo a inclusão LGBTQ+ na Química” na Universidade Federal de Mato Grosso – campus Cuiabá. O presente trabalho propõe-se a fazer um relato de experiência sobre esse projeto, seu impacto e ramificações. Nesta produção, nos destinamos a analisar os dados gerados no momento de inscrição do curso, descrevendo o perfil das pessoas interessadas em compreender como se dá uma possível articulação do Ensino de Química com questões sobre pessoas LGBTI+. Para isso, dividimos o relato nas seguintes seções: (I) I Queermica: promovendo a inclusão LGBTQ+ na Química, (II) Análise do Perfil das pessoas inscritas, e (III) Conclusões.

O acrônimo LGBTQ+ (Lésbicas, Gay, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, Travestis, *Queer* e outras denominações) foi utilizado na época do curso de extensão

baseado em como a sigla era comumente usada nos Estados Unidos e Europa; nesses lugares o termo *queer*, enquanto identidade, é frequentemente usado para pessoas dissidentes da cisheteronormatividade. No Brasil, no entanto, hoje em dia as associações de promoção dos direitos sexuais e de gênero adotam com mais frequência a sigla LGBTI+ (na qual I refere-se às pessoas intersexuais) e, por esse motivo, durante as nossas discussões será adotada essa forma do acrônimo ao discutir-se as questões de gênero e sexualidade e a primeira sigla será usada apenas ao referir-se diretamente ao curso.

I QUEERMICA: PROMOVENDO A INCLUSÃO LGBTQ+ NA QUÍMICA

A Química, assim como as Ciências de uma maneira geral, se estabeleceu de forma masculinizada e, com isso, afastou corpos que dissidam de uma masculinidade hegemônica de seus espaços de ensino e produção. Essa masculinidade hegemônica

[...] estabelece os padrões de comportamentos que devem ser seguidos pelos homens, padrões esses que tanto subordinam e inferiorizam a mulher como também outros homens, que devem provar que possuem todos os símbolos culturais que denotam uma masculinidade. Isso deve ser problematizado e combatido (GUSE et al., 2021, p. 234).

Em face desse entendimento, o afastamento de mulheres e outras formas de expressão de gênero das Ciências pode ser efetivado de maneira proposital, uma vez que, diante desse, pode-se perpetuar padrões cis-heteronormativos que são essenciais para a manutenção de uma sociedade patriarcal. Nesse sentido, a inserção de corpos historicamente marginalizados em espaços de ensino e produção da Química são essenciais não somente para tensionar o cenário atual, rompendo com a ideia de uma ciência masculinizada, como também para possibilitar que a Química possa ser desenvolvida por múltiplos olhares e produzida por diferentes identidades sociais, tornando-a inclusiva e representativa para diferentes corpos.

Buscando contribuir para a desestabilização desse cenário, em 2020, organizou-se o curso “I Queermica: promovendo a inclusão LGBTQ+ na Química”, um curso que fez parte de um projeto de extensão com o objetivo de discutir a inclusão de pessoas LGBTQ+ nos cursos de Ciências Exatas e Naturais. O público-alvo incluiu discentes, docentes e profissionais dessa área, sendo composto de aulas remotas de forma síncrona e de atividades assíncronas envolvendo: (i) discussões de pesquisas sobre o tema, (ii) compartilhamento de experiências e (iii) proposição de ações de inclusão.

Organizado em oito encontros virtuais via plataforma *Google Meet*, trabalhou-se resultados de pesquisas sobre o tema da literatura científica, além de serem debatidos conceitos básicos sobre gênero e sexualidade e incentivou-se compartilhamento de vivências pessoais. Em cada encontro foi combinada uma atividade extraclasse a ser compartilhada em um arquivo na nuvem ou apresentado ao grupo no encontro seguinte.

A primeira aula teve o título: “Quem somos e por que estamos aqui?”. Nela, o professor e a aluna extensionista voluntária, organizadores do curso, apresentaram-se falando um pouco de sua formação, sua vida pessoal e sua relação com o tema. A seguir, apresentou-se a proposta do curso, a organização das aulas, horários, atividades, temas e requisitos para certificado. Por fim, pediu-se para cada participante abrir o microfone e, caso quisesse, também a câmera e apresentar-se e dizer o que esperava do curso. Como atividade extraclasse pediu-se que cada participante escrevesse um pequeno texto apresentando-se mais detalhadamente e explicando por que decidiu fazer o curso.

A segunda aula, intitulada: "Sexualidade: muito mais que sexo", abordou definições de sexo, identidade de gênero, expressão de gênero, orientação sexual e interseccionalidade. Incluiu-se uma discussão sobre pessoas intersexuais e sobre diferentes identidades de gênero não binárias presentes em diversas culturas ao redor do globo. Sobre esse tema foi a atividade extraclasse, na qual cada participante escolheu uma dessas identidades baseadas em um mapa de culturas de gênero diversas: e faria uma breve pesquisa a respeito para apresentar aos demais no encontro seguinte.

A terceira aula, de nome: "Uma breve história do movimento LGBTQ+", adereçou questões como: Construcionismo vs Essencialismo, Identidade Sexual ao longo da História, a categorização médica e jurídica da homossexualidade, os movimentos por direitos nos Estados Unidos e Europa, a pandemia de HIV/AIDS, o movimento no Brasil e a conquista de direitos. Ao final, foram separados diversos temas sobre identidades específicas dentro do acrônimo LGBTQ+, questões interseccionais e movimentos em estados específicos dos participantes (Mato Grosso, Rondônia e Paraíba), para que escolhessem um desses temas para pesquisar a respeito e apresentar na próxima aula.

A quarta aula foi "A importância da Diversidade nas Ciências Exatas e Naturais", nela abordamos o impacto que a promoção da diversidade em empresas tem em mulheres e em minorias raciais e sexuais. Além disso, discutimos o impacto de uma maior diversidade na produção acadêmica e científica e como organizações científicas têm se posicionado em relação ao tema da diversidade. A atividade extraclasse envolveu escrever um pequeno texto sobre as experiências como pessoa LGBTQ+ ou aliada no contexto das Ciências Exatas e Naturais, seja no ambiente acadêmico ou de trabalho.

Na quinta aula tivemos um convidado, pesquisador em genética e bioinformática, divulgador científico e organizador de um perfil no instagram e canal do youtube sobre ciência, gênero e sexualidade. Foram discutidas suas vivências enquanto estudante e pesquisador LGBTQ+ nas Ciências Naturais, as diferenças entre o acolhimento no Brasil e nos Estados Unidos a minorias sexuais e de gênero e o que os estudos na área de genética revelavam sobre a influência dos genes na identidade de gênero e orientação sexual.

A sexta aula foi com outro convidado, professor e pesquisador na área de química e educação e sua relação com gênero e sexualidade. Foi discutida a influência e as diferenças dos ambientes de formação nas áreas de Química e Engenharias e as atitudes de colegas em relação à sua existência, bem como sua reação a essas tensões. Além disso, falou-se da importância de discutir temáticas de culhos sociais nos cursos das ciências exatas e o professor relatou uma disciplina optativa que ministrou na universidade da qual fazia parte abordando tópicos como relações étnico-raciais, gênero e sexualidade.

A sétima aula teve o nome: "Vivências LGBTQ+ nas Ciências Exatas e Naturais" e nela discutimos as formas como a discriminação contra pessoas LGBTQ+ ocorre nessas áreas, que mecanismos essas pessoas usam para sobreviver nesse ambiente e as consequências dessa discriminação. As pessoas participantes também compartilharam experiências discriminatórias sofridas por elas ou por terceiros em ambientes acadêmicos, escolares ou profissionais. Por fim, a última atividade do curso, a ser apresentada na aula seguinte foi para cada participante trazer as suas ideias de como promover a inclusão LGBTQ+ nas Ciências Exatas e Naturais.

Por fim, a oitava e última aula foi intitulada: "Como promover a inclusão LGBTQ+ nas Ciências Exatas e Naturais? Nela, discutiu-se as ideias apresentadas por cada participante para a promoção da inclusão, bem como sugestões de grupos de cientistas LGBTQ+ a respeito de boas práticas tanto no âmbito pessoal quanto institucional para a

melhora do ambiente nas Ciências Exatas. Ao final, conversou-se sobre como foi a experiência do curso, o procedimento para confecção de certificados e que pontos poderiam ser melhorados para futuras edições.

ANÁLISE DO PERFIL DAS PESSOAS INSCRITAS

O formulário de inscrição da ação formativa foi construído em uma seção única na qual realizamos uma breve apresentação do curso e solicitamos alguns dados pessoais. Além disso, ao final do formulário de inscrição, as pessoas inscritas precisavam responder quais eram suas expectativas sobre a formação.

Identificamos, a partir do preenchimento, 21 respondentes para as 20 vagas reservadas ao curso. Dessas 21 pessoas inscritas, tivemos 17 do Mato Grosso, 2 da Paraíba, 1 do Ceará e 1 do Maranhão.

Tabela 1: Distribuição regional das pessoas inscritas

Estado	Quantidade
Mato Grosso	17
Paraíba	2
Ceará	1
Maranhão	1

Essa concentração de participantes na região do Mato Grosso se dá considerando que a proposta do curso foi realizada em uma instituição localizada nessa região e houve uma comunicação interna para discentes da Universidade Federal do Mato Grosso. Também é válido acrescentar questões regionais que impactam diretamente no (des)interesse das pessoas pela ação proposta. Mato Grosso é um estado com histórico de violência contra pessoas LGBTI+, de tal modo que no Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ de 2022 figurou como o quarto estado com maior número de mortes em termos proporcionais.

Em relação ao cenário político estadual, podemos apresentar que existe uma hegemonia conservadora, articulada principalmente em torno de oligarquias e grupos tradicionais alinhados às elites econômicas, sobretudo do agronegócio. Essa hegemonia conservadora se reflete na organização dos poderes executivo e legislativo que, mesmo com a presença de alguns partidos de centro-esquerda, é fortemente tensionada para posições políticas mais à direita. (ARAGUSUKU; LOPES, 2018)

A inserção em um cenário sociopolítico conservador e a tendência à repressão contra dissidências sexuais pode ter feito com que as pessoas participantes do curso não tivessem acesso a outros espaços seguros para a discussão de questões de gênero e sexualidade, de tal modo que o I Queermica pode ter lhes parecido como uma alternativa para suprir essa demanda.

Em relação à faixa etária, houve 14 pessoas inscritas na faixa de 20-24 anos, 5 pessoas na faixa de 25-29 anos, 1 pessoa com 30-34 e 1 pessoa com 35-39 anos. Observa-se que a maior parte das pessoas participantes estavam na faixa de 20 a 24 anos. Isso provavelmente se deve por tratar-se de estudantes universitários, que

constituíram a maioria da participação no curso. Entre os participantes, 16 definiram-se como estudantes ou licenciandos, 3 como docentes e 3 destacaram que já eram formados. Vale ressaltar que havia participantes que estavam fazendo uma segunda graduação ou pós-graduação.

Nesse sentido, destaca-se a importância do curso na formação de profissionais, em especial de licenciandos. Tendo em vista a ausência de debates sobre as questões de gênero e sexualidade, ações de extensão como o I Queermica podem contribuir para amenizar essa lacuna e permitir que os profissionais formem uma base mais sólida para discutir essas questões em seus respectivos ambientes de trabalho.

Tabela 2: Distribuição etária das pessoas inscritas

Faixa Etária	Quantidade
20-24	14
25-29	5
30-34	1
35-39	1

Um outro questionamento solicitado no formulário foi em relação ao gênero. Antes de relatar sobre os dados, achamos importante destacar nosso entendimento sobre o conceito de gênero para que possamos contribuir com o campo de pesquisa do Ensino da Química, visando contornar o cenário identificado por Nogueira et al. (2021) descrito anteriormente na Introdução.

Sem querer esgotar o debate devido a limitação de espaço, entendemos o gênero como atos performativos (BUTLER, 2003; 2011). Nesse entendimento, o gênero é uma construção social, considerando que não nascemos biologicamente como homens ou mulheres, mas somos moldados por práticas sociais.

Segundo essa noção, quando alguém se veste, age ou se expressa de maneira associada a um determinado gênero, esse ato contribui para a construção da identidade de gênero correspondente. Em outras palavras, somos influenciados e pressionados socialmente a adotar comportamentos específicos, e, ao fazê-lo, reforçamos a realidade do gênero que expressamos. Portanto, a construção do gênero feminino ou masculino ocorre por meio das práticas diárias de feminilidade ou masculinidade. A necessidade de defender e reforçar a masculinidade e a feminilidade surge da compreensão de que, ao agirmos de maneira diferente, a própria realidade do gênero pode ser transformada. Em resumo, o gênero é moldado por meio das práticas que adotamos, tornando-o, assim, performativo (GUSE, 2024, n.p.).

Nesse cenário, falar sobre gênero é escapar de um determinismo biológico e da concepção binária de gênero. O sexo do indivíduo não determinará suas expressões de gênero, assim como não existe apenas uma forma de expressar o gênero feminino, masculino ou quaisquer outras identidades de gênero, pois essas categorizações são resultados de ações performativas, que, por sua vez, são plurais.

Destacado tal conceito, no formulário as pessoas podiam escolher entre “Masculino”, “Feminino”, “Não-binário” e “Prefiro não informar”. Atualmente, percebemos um equívoco em não colocar uma opção na qual a pessoa pudesse expressar sua identidade de gênero livremente. Todavia, considerando as respostas obtidas, tivemos

apenas identificações nos gêneros “Masculino” e “Feminino”, sendo 5 identificações com o primeiro e 16 com o segundo.

Tabela 3: Identidade de gênero das pessoas inscritas

Gênero	Quantidade
Masculino	5
Feminino	16

A procura majoritária de um público feminino nos remete a uma hipótese - posteriormente validada - de que essas pessoas encontrariam um espaço no qual pudessem se expressar livremente manifestando também suas identidades generificadas em um ambiente que, historicamente, buscou as afastar/silenciar.

Historicamente, a Ciência se constituiu para e por corpos masculinos. Aquelas que conhecemos como ciências “duras” como Matemática, Física e Química foram dominadas por homens, enquanto as mulheres enfrentaram barreiras para ocupar esses espaços (SCHIENBINGER, 2001). Oposições binárias construídas socialmente que atrelam aos homens e mulheres, respectivamente, características como razão/emoção, objetividade/subjetividade, mente/corpo estruturam a sociedade e categorizam ideias de quais pessoas podem fazer, aprender e ensinar Ciências (GUSE; DETONI, 2023)

No que diz respeito à Orientação Sexual, tivemos o seguinte resultado:

Tabela 4: Orientação Sexual das pessoas inscritas

Estado	Quantidade
Homossexual	7
Heterossexual	6
Bissexual	6
Prefiro não informar	1
Não sei ainda	1

Ao pensar na oferta do curso, esperava-se que o grupo majoritário que buscaria debater sobre a temática fosse pertencente às orientações sexuais dissidentes. Principalmente ao considerar que, como descrito anteriormente, poucos são os espaços na Química em que esse debate possa ocorrer visando romper com uma manutenção de afastamento de identidades não masculinas. Além disso, é válido informar que no campo de alternativas do formulário descrevemos algumas orientações sexuais como opções, e acrescentamos o campo “Outro” para que as pessoas inscritas pudessem se expressar mais livremente com relação à sua autoidentificação.

Para finalizar o formulário de inscrição, questionamos às pessoas inscritas sobre o que elas esperavam do curso. A partir das respostas, identificamos que muitas buscavam um espaço no qual elas pudessem aprender sobre a temática, visando tanto uma contribuição para suas pesquisas no meio acadêmico quanto conhecer sobre a temática e poder proporcionar um ensino de Ciências que abarque o debate sobre pessoas LGBTI+ e não perpetuar desigualdades e preconceitos contra pessoas que dissidam das normas de gênero e sexuais geridas pela sociedade na qual esses corpos estão inseridos.

Uma forma de lidar com o assunto na academia e também passar para meus alunos. (Mulher, homossexual, 27 anos)

Debates sobre o tema em si, obter mais informações que eu não tenha sobre isso e propor formas mais eficazes de fazer com que LGBTQs+ se sintam confortáveis cursando ciências exatas e naturais. (Mulher, bissexual, 20 anos)

Trocas de experiência e discussões a respeito do que se pode fazer para que as pessoas LGBTQ+ se sintam incluídas no campo científico. (Mulher, bissexual, 22 anos)

Percebe-se em algumas das respostas que as pessoas inscritas no curso também reconhecem a necessidade das pessoas LGBTI+ se sentirem “confortáveis cursando ciências exatas e naturais” (Mulher, bissexual, 20 anos) ao partirmos da premissa que essas Ciências tem sido vistas sob um pressuposto de neutralidade que, na verdade, visa a manutenção dos *status quo* da sociedade e perpetua cenários de preconceitos e desigualdades contra corpos historicamente marginalizados. Como relatado por Cech e Waidzun (2011) em cursos de Engenharia, quanto mais “técnica” ou “difícil” é considerada uma subárea da engenharia menos tolerante é o seu ambiente com corpos dissidentes. De forma semelhante, em cursos de computação, estudantes LGBTI+ tem menos sensação de pertencimento do que seus colegas cis-héteros e são mais propícios a desistirem dos respectivos cursos. (STOUT; WRIGHT, 2016)

Além dessas respostas, também optamos por destacar algumas que buscavam no curso um espaço de acolhimento ou, até mesmo, um ambiente no qual elas pudessem se (re)conhecer.

Eu espero encontrar mais conhecimento sobre o assunto, tanto para me autoconhecer quanto para ajudar aqueles que conheço que enfrentam dificuldades por seu gênero e orientação sexual (Mulher, bissexual, 20 anos)

Procuro me identificar com mais pessoas lgbtqi+ na area de exatas ou no campos. (Mulher, homossexual, 20 anos)

Informação e a minha desconstrução (Mulher, heterossexual, 27 anos)

Conforto, ajuda, uma comunidade... (Mulher, bissexual, 22 anos)

Talvez o auto entendimento (Mulher, não sabia ainda a orientação sexual, 22 anos)

Analisando as respostas, podemos perceber a carência de espaços e oportunidades para discussões de questões de gênero e sexualidade, de tal modo que algumas das participantes enxergaram o curso como uma possível oportunidade para sanar essa carência. Essas ausências podem se transfigurar em barreiras para a autoidentificação dos sujeitos em relação aos seus gêneros e sexualidades e também criar obstáculos para a formação de redes de apoio e comunidades.

CONCLUSÕES

No presente trabalho, relatamos a experiência de uma ação de extensão denominada “I Queermica: promovendo a inclusão LGBTQ+ na Química” em 2020, que constituiu-se em um curso realizado de forma on-line no qual discutiu-se questões de gênero e sexualidade no contexto da Química e das Ciências Exatas. Nesta pesquisa, levantamos as motivações para a realização do curso, discutimos os temas abordados

em cada aula, analisamos os perfis das pessoas inscritas e suas motivações para participarem do curso.

Como apontado por estudos anteriores, o debate sobre gênero e sexualidade ainda é incipiente na Química. Nesse contexto, iniciativas como o Queermica são importantes por propiciar essa discussão e contribuir para uma formação que subverta a cisheteronorma em ambientes científicos. Além disso, o presente trabalho mostrou que profissionais da área da Química e de ciências correlatas de dissidências sexuais carecem de ambientes seguros para discutir suas identidades e formar comunidades, o que demanda a criação de mais espaços e iniciativas para esse público e com essa temática dentro dessas áreas.

REFERÊNCIAS

ARAGUSUKU, H. A.; LOPES, M. A. de S. Políticas públicas e cidadania LGBT em Mato Grosso: Uma década de avanços e retrocessos (2007-2017). **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [s. l.], n. 29, p. 147–171, 2018.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero: Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**: Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECH, E. A.; WAIDZUNAS, T. J. Navigating the heteronormativity of engineering: the experiences of lesbian, gay, and bisexual students. **Engineering Studies**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 1–24, 2011.

GURIN, P.; NAGDA, B. (Ratnesh) A.; LOPEZ, G. E. The Benefits of Diversity in Education for Democratic Citizenship. **Journal of Social Issues**, [s. l.], v. 60, n. 1, p. 17–34, 2004.

GUSE, Hygor Batista. **“Estudos de gênero: o que a matemática tem a ver com isso?”**: Reflexões sobre uma ação formativa com docentes que ensinam matemática, 2024. Tese (Doutorado em Ensino e História de Matemática e da Física) – Universidade do Rio de Janeiro, 2024.

GUSE, Hygor Batista; DETONI, Hugo dos Reis. Uma (educação) normalizadora: análise de fóruns de um curso de extensão sobre estudos de gênero e educação matemática. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 47-70, 2023.

GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição; MOURA, Jônata Ferreira de. Que relações podem ser estabelecidas entre Matemática e pessoas LGBTI+? Narrativas de um professor desviante das cis-heteronormas que ensina Matemática. In: SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da (org.). **Gêneros e Sexualidades: tensões e desafios na Educação**. [livro eletrônico], Edufma, 2021.

KUEHLEWEIN, I.; FARIA, F. L.; COSTA NOGUEIRA, K. S. A Study on Gender and Sexuality in Chemistry Teaching. *Revista Virtual de Química*, [s. l.], v. 15, n. 6, p. 1081–1091, 2023.

NAIDEK, N.; SANTOS, Y.; SOARES, P.; HELLINGER, R.; HACK, T.; ORTH, E. MULHERES CIENTISTAS NA QUÍMICA BRASILEIRA. **Química Nova**, [s. l.], 2020.

NELSON, D. J.; CHENG, H. N. Diversity in Science: An Overview. In: NELSON, D. J.; CHENG, H. N. (org.) **Diversity in the Scientific Community Volume 1: Quantifying Diversity and Formulating Success** [S. l.: s. n.], 2017. p. 1–12.

NOGUEIRA, K. S. C.; ORLANDI, R.; CERQUEIRA, B. R. S. Estado da arte: Gênero e Sexualidade no contexto do Ensino de Química. **Química Nova na Escola**, [s. l.], v. 43, n. 3, 2021.

PEREIRA, Juliana. **Ser cientista: Tensões entre gênero e ciência**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

ROHDEN, L. Inclusion and Diversity in Companies: Premises to Maximize Quality of Life and Profitability. BAR - **Brazilian Administration Review**, [s. l.], v. 20, n. 2, 2023.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP. EDUSC, 2001.

SOARES, T. A. Mulheres em ciência e tecnologia: ascensão limitada. **Química Nova**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 281–285, 2001.

STOUT, J. G.; WRIGHT, H. M. Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Students' Sense of Belonging in Computing: An Intersectional Approach. **Computing in Science & Engineering**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 24–30, 2016.